

~~Alguma coisa em ti
me enfeitiça.~~

É como se cada gesto
teu desenhasse no ar
o esboço

da delicadeza.



Eu gosto de te ver de longe.
A distância te dá uma proporção engraçada.
Me divirto descobrindo quão pequena tu és.
Quão elétrica. Quão falante.
De longe, Carolina,
tu pareces um pequeno polvo ansioso.

CAROLINA

nunca entendeu Bach.
Nem Gaby Amarantos.
Nem Madonna.

Carolina sofria de um amor monogâmico por Piazzolla.

ca
rol
ina,

eu
sou

as mãos
que te
esperam
sem pedras

Carolina, eu quero te contar que a palavra é
eterna. Preciso te dizer que ela sobreviverá à fotografia,
à holografia e ao cinema.

Quero te falar que a matéria da palavra é rija, resistente,
persistente.

Ela excede as civilizações (e todos os outros
povos mais sábios).

A palavra não morrerá (como nós morreremos).
criar imagens.
Mesmo sabendo disso isso, insistimos em criar
imagens.

Por quê?

Porque queremos ser efêmeros.
Porque desejamos os suportes finitos.
Porque achamos que somos intraduzíveis.

E não somos.

Faço maquetes
de todas as cidades em que estive para passar
as madrugadas
te procurando
pelas ruas de mentira.



Carolina, eu te amo
em imagem. Nessa
transparência que
não és.
Intuo o que se move
dentro da tua pele.
Adivinho o que tem
dentro da tua carne.
Olho. Imagino.
Adivinho.

Mas não toco.

Porque só o
ambiente te possui.

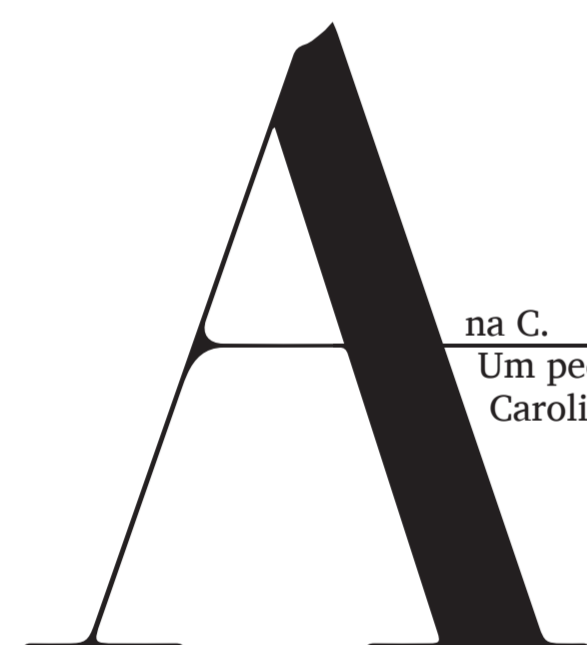
Hoje desejei termos nascido na Arábia Saudita. Lá não seríamos
predestinados. E eu saberia nada mais de ti do que teus olhos.

Depois de uma rinite, três gastrites e
duas sinusites Carolina descobriu o azul.

Foi quando me escreveu:

(V)er (o) m(ar)

Mexe os ombros. Rodopia
devagar.
Carolina parece uma fada
desajeitada
dançando sambas mortos.



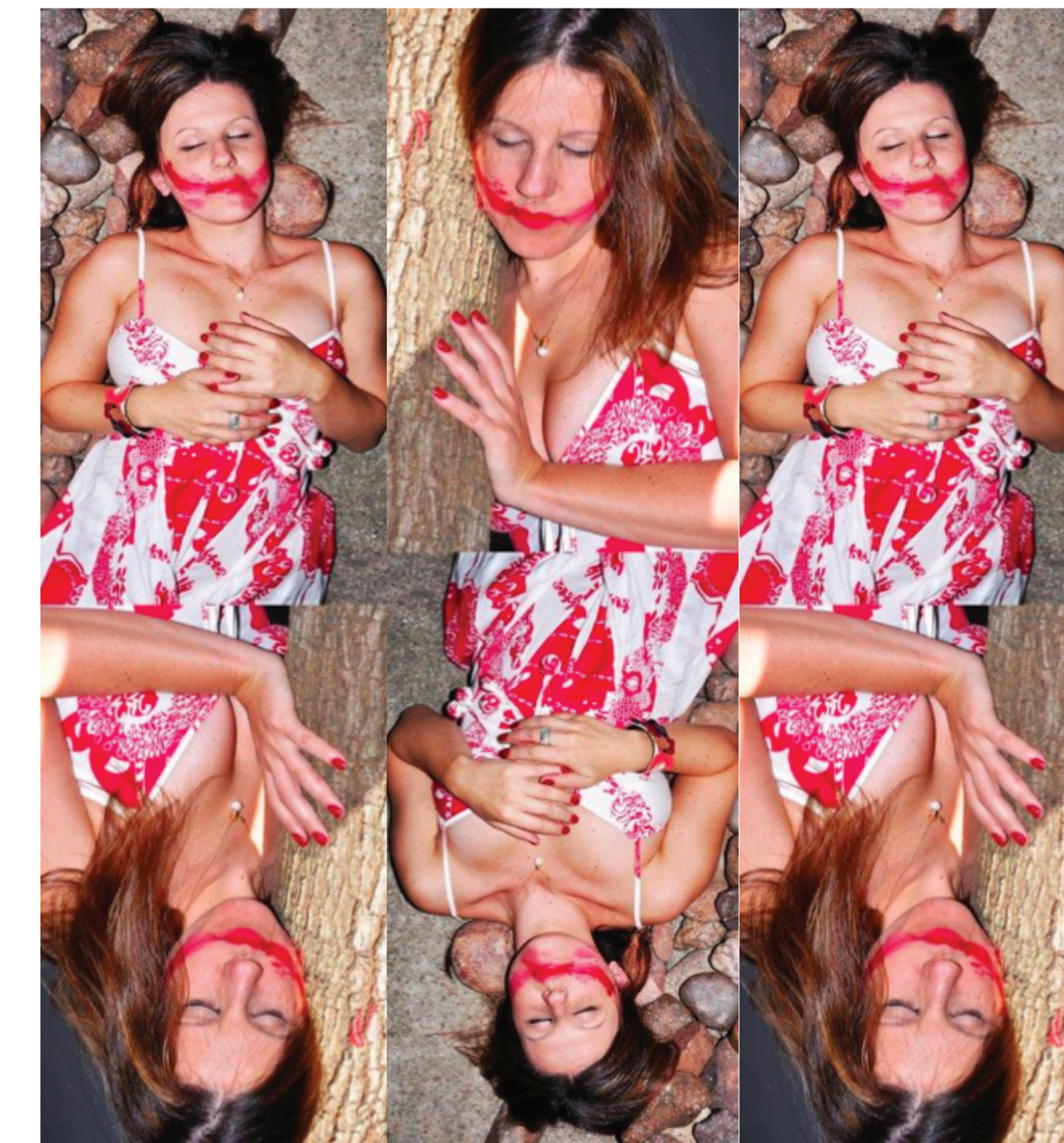
na C.
Um pedaço soterrado de
Carolina cabe nesse nome.

Rega diariamente seu
próprio Thanatos. Quando
ele floresce
rubro virulento tenro
Carolina sai pela avenida
vai pombagirante pelas
horas escuras
segue a constelação dúbia
de humores
rodopia entontece peram-
bula pula
vai pro lado de lá da cidade
e bombardeia a ponte.



Sempre a vi como uma
imigrante clandestina.
Era minha única estratégia
para entender tuas
impermanências e a beleza
dura de tuas raízes aéreas.

Me faz acreditar em amor,
Carolina, mesmo aqui,
neste planeta escravocrata.



Comecei a te amar quando te vi frágil. Era um domingo.

Fazia calor.

Eu sabia tanto de ti
e nada sobre o que tinha feito.
Me bastava inferir teus medos.

Carolina é matéria eletromagnética, se alastra
displícite
em múltiplas dimensões.

Perco
minha
respiraça
o antes
de
decolar.
Carolina,
meu
amuleto:
me ajuda
a manter
a calma?

Tuas mãos macias
frágeis
escondidas entre as
coxas.
Por que tiveste tanto
medo?

A primeira vez
que eu senti
teu gosto
entendi que só
se pode amar
com o paladar.